
AS CONDIÇÕES DA QUESTÃO: O OUTRO GIRO DA AMIZADE EM CLARICE LISPECTOR

Autor: Alexandre Castro de Farias (Mestrado/UFCG)

Orientador: Prof^o. Dr^o. Alarcon Agra do Ó (UFCG)

Pode-se falar de um outro giro de amizade tal como se apresenta na obra de Clarice Lispector? Desse outro giro que, por uma violência primeira e um último gesto de acolhimento, a direciona à obra da qual talvez ela tenha sido o centro, ao menos segundo o solo de uma experiência interior no qual ela esteve. É preciso, pois, perguntar como Clarice Lispector pôde abrir sua obra a essa aproximação ruínosa em relação ao outro encontrado em forma de agressão ao pensamento (principalmente *Laços de família*) e no momento em que esse mesmo pensamento torna-se ético por esta hospitalidade que recebe sua luz no momento em que é pronunciada a última palavra esclarecedora (com a *Hora da estrela*); e se há relação, nesse discurso derradeiro tanto quanto lá em seu gesto mais matinal de 1943, entre a obra e a amizade, entre o pensamento e a ética, sem dúvida significa que é preciso perguntar a qual perigo uma linguagem que por tanto tempo se esboça é conduzida por esse outro ao qual se expõe.

Apenas a amizade, esta solidão essencial, faz corpo com a obra sob a forma de uma comunidade impossível (no elemento de seus encontros que serão sempre esta violência e esta agressão coação exercida sobre o pensamento), de uma palavra do acolhimento (momento em que o sim decisivo é pronunciado diante do rosto desse outro como foi Macabéa) e de uma voz narrativa que é na verdade o corpo-linguagem, o corpo sem órgãos da obra (que é de onde vem essa necessidade de todas as interpretações para os seus acontecimentos). Reconheçamos em sua figura única, cerrada, coerente a mesma linguagem e a mesma amizade que somos. Ela abriu à linguagem literária um estranho espaço que podemos denominar ético e que a fulguração de obras como a de Blanchot, Deleuze, Lévinas abriu para nós; tratemos de melhor reintegrá-la a esse tempo e a esse espaço do pensamento, e Clarice Lispector aparecerá tal como esse pensamento definiu a si mesmo: de uma palavra ética que só diz

de si, uma palavra absolutamente simples em seu ser desdobrado nos conceitos e personagens conceituais que a fazem falar dando-lhe a força de uma existência, de uma palavra da palavra, enfim, encerrando seu próprio sol (o plano de imanência a que pertence) em seu desfalecimento soberano e central, obscurecido por colocar em seu horizonte a questão do outro, dessa amizade que é manhã e morte. Essa linguagem de Clarice Lispector, nós devemos a Benedito Nunes por não tê-la, em nada, perdido, já que em duas ocasiões ele a transmitiu, na sustentação da memória de Clarice Lispector nesse *Drama da linguagem* tão profundamente aparentado das obras que ele aí retoma. Mas, sem dúvida, era preciso, também, que por esse pensamento da amizade citado se anunciasse nesse tempo que é o nosso uma experiência ética que, antes de qualquer linguagem, inquieta-se e anima-se, sufoca e recupera a vida a partir da maravilhosa abundância dos Signos desempenhados na raridade desse pensamento perigoso, desse pensamento puro¹, desse pensamento perigoso por não depender de um método ou de uma decisão, mas da violência encontrada, da obscuridade refratária, desta agressão tanto mais presente quanto o força a pensar o que ele não pode mais. A angústia da linguagem que é a abertura mesma desse pensamento ético da amizade, é isso o que faz da experiência de Clarice a solitária revelação do que há de mais próximo em nossa linguagem. E que nos permite falar dela a partir de sua própria linguagem. Pensamento aberto para nós a partir do arquivo que são suas obras; pensamento desempenhado no excesso e na desmesura por esses personagens que são as existências reais (porque intensivas) do plano do qual fazem parte. É por esta amizade de Clarice Lispector, no instante furtivo em que ela se articula à obra, que devemos responder. Responsáveis que somos por estar diante dela.

A articulação da obra e da amizade não se produz senão em um plano de imanência², um oco solar que é o pensamento ético: ele é o espaço da linguagem de

¹ Para a questão dessas faculdades que tornam o pensamento um exercício de violência, mas sobretudo de necessidade, ver: DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

² O plano de imanência da obra, para Deleuze, é aquilo que não dispõe de uma dimensão suplementar, lá onde o processo de composição deve ser apreendido em si mesmo, através do que ele dá e naquilo que ele oferece: é um plano de composição do pensamento; nem é articulação nem tampouco desenvolvimento. Vê-se então que a composição ataca a ordem e se recusa a ela, produzindo assim o “caso”: o desordenado, o extraordinário, o acaso, o despropósito que transborda por todos os lados a natureza e constitui o horizonte do pensamento, o plano de imanência povoado de acontecimentos, conceitos e personagens conceituais. Ver, sobre a questão da articulação caso literário e acontecimento: Gilles Deleuze apud REVEL, Judith. O pensamento vertical: uma ética da problematização. IN: GROS, FRÉDÉRIC. *Foucault*

Clarice Lispector, o vazio de onde ela fala, a ausência pela qual a obra e a amizade se comunicam e se excluem – anunciando em seu centro seres, linguagens, rostos, diálogos, pensamentos, gestos, afectos, todos ofertados neste mundo que é seu espaço literário; do fundo desse plano (essa parte do fogo) sobem as palavras, a amizade e a ética que é a inquietação de seu pensamento em sua aplicação prática como a encontramos nessa questão que se desdobra em uma experiência-limite, no acontecimento e na hospitalidade ao rosto do outro, numa outra dimensão que não a do ser ou do privilégio dado à consciência. Mas ali nesse limite do imperceptível, nessa dobra essencial que é quase vazio irrespirável, forma precária de uma divisão primeira onde é preciso encontrar a imperturbável seriedade do pensamento de Clarice Lispector: seu gesto planejado, sua absoluta memória que é ao mesmo tempo que rigorosa ausência de ser, elemento renascente; seu pensamento cuja pretensão é restituir o que faz nascer as palavras e os ruídos, colocando novamente em cena os gestos, os assaltos, as violências, as compaixões e as piedades, dos quais o pensamento e seus encontros (signos) formam uma espécie de palavra (ética), agora silenciosa; seus seres humanos, enfim, personagens inquietos em função de sua infelicidade, sua raiva, sua angústia, seu desespero, sua incerta loucura.

Por sua relevância para essa articulação disjuntiva entre o pensamento e a amizade, deve-se ceder a palavra a essa forma extrema de linguagem da qual Clarice Lispector fez sua morada, e nesse momento a tornou o ápice de seu pensamento. Reconhecer a soberania dessa experiência requer igualmente que evoquemos essas palavras que para nós são limites, libertar por fim, a partir delas, nossa reflexão atual sobre a amizade. Falar dessa experiência, fazê-la falar no próprio vazio da linguagem onde ela se afirma, lá onde precisamente as palavras lhe faltam, onde o sujeito que fala essa linguagem impossível chega ao seu desfalecimento, onde o espetáculo do pensamento oscila no encontro transtornado do outro. Lá onde a morte de Clarice Lispector coloca por fim sua linguagem em *A hora da estrela*: “Agora que essa morte nos devolve à pura ética de seus textos, que eles favoreçam a tentativa de encontrar uma

linguagem para o pensamento do limite. Que sirvam de morada a este projeto, talvez já em ruína” (Michel Foucault³).

Mas, de um tal pensamento, que linguagem pode nascer? E, sobretudo, que voz narrativa é essa que fala e que personagens tomam a palavra? O que pode significar, no cerne de um pensamento, a presença de tal figura (o outro e a amizade)?

Sejamos, portanto, justos com Clarice Lispector e reconheçamos-lhe de antemão a irreduzível seriedade de seu pensamento, o mérito de figurar na galeria de todos aqueles que, de um extremo a outro de suas obras, anunciaram, como arautos positivos, a própria impossibilidade da amizade no instante instável em que ela se articula à obra. Pois é do impossível, de um sim desde já ameaçado por sua própria finitude dado ao outro que se trata na experiência da amizade quando ela se torna o acontecimento incerto. Sua desmedida, o vazio ético de uma amizade onde a obra se abisma, é o espaço sem fundamento a partir do qual se abre a possibilidade de nosso trabalho: é diante dessa amizade, da relação entre esse pensamento e a ética que dele se define, dessa relação que foi, sem dúvida, fundamental para Clarice Lispector (ela é reconhecível em Ângela de *Um sopro de vida*⁴; é visível em *O lustre*⁵, talvez em *Perto do coração*⁶; é a condição de *A hora da estrela*) que nós somos responsáveis. Mas, aqui e lá, ela assume formas que tanto podem ser simétricas como opostas em seu movimento enigmático para o qual esse pensamento da amizade se abre hoje e deixa entrever a sua possibilidade.

O instante em que, juntas, a obra e a amizade nascem e se concretizam é o começo do tempo em que nos vemos interpelados por essa obra, e responsáveis por estar diante dela, solicitados a responder por ela. Questão importante, segundo Deleuze, se quisermos pensar o sentido da filosofia ou da literatura, que já não se separa desse aparecimento da figura do “amigo”, e que se relaciona a ele não mais como um “personagem extrínseco, um exemplo ou uma circunstância empírica, mas uma presença

³ FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. IN: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema* (Ditos e Escritos III). 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

⁴ LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida (Pulsações)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

⁵ LISPECTOR, Clarice. *O lustre*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

⁶ LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

intrínseca ao pensamento, uma condição de possibilidade do próprio pensamento, uma categoria viva, um vivido transcendental”⁷. Responder por ela e assumir a responsabilidade a essa interpelação quer dizer desde já tirá-la do fundo da solidão onde ela se afirma. Pois sempre se está em situação de herança, diz Jacques Derrida, ao pensar a relação de um pensamento (e da obra na qual se inscreve) com esse tempo que é o nosso: sua possibilidade, seu valor monumental. E se trata de perguntar, hoje, sobre o ontem em que a obra foi escrita, o que nela tornava possível esse acontecimento de um discurso sobre a amizade e a ética que, neste sentido se torna a condição da palavra poética de Clarice Lispector; em suma, da época a que pertence a obra, da época em que ela acontece e que lhe assegura a situação. A sua possibilidade hoje,⁸ diríamos, pois é

⁷ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed 34, 2004.

⁸ Sobre a questão da amizade e sua relação com o presente, deve-se lembrar da proposta da tese *As cores da amizade*. O exercício da amizade na modernidade foi tratado por Marilda Ionta. No rastro do estudo de Francisco Ortega sobre a problemática em Michel Foucault, esta pesquisadora, entre as várias maneiras de abordar os elos entre amigos, escolheu, como ela mesma disse, percorrer as relações de amizade criadas entre homens e mulheres. Vínculos visitados (como se diz de acolhimento) através da experiência da amizade vivida por Mário de Andrade com Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga e Henriqueta Lisboa. Desta amizade, de onde surgiu uma enorme quantidade de correspondências, ela resolve analisar as cartas trocadas entre eles e que segundo a autora guardariam em primeira mão a imediatez das sensações, as circunstâncias e os modos pelos quais se enredaram suas relações de amizade: “É em grande parte pelo ato privado de escrever que esses laços intersubjetivos são historicizados.”⁸ A esta escolha está ligado um interesse amplo: na temporalidade que atravessa os meados dos anos 1920 e 1940, o que se destaca é o estudo das relações de gênero (para daí se observar como a sexualidade, ou mesmo a possibilidade de existirem nesse período esse tipo de relações – ronda os vínculos intersubjetivos criados entre homens e mulheres) e o papel da intersubjetividade na modernidade brasileira. O discurso da amizade elaborado por essas personagens através do diálogo epistolar, a singularidade dos elos que essas mulheres criaram com o escritor paulista neste espaço intersubjetivo que são as missivas, o estabelecimento das relações de gênero nas teias da amizade e o papel da amizade como espaço de autonomia, de liberdade e de transformação de si são as questões a serem seguidas pela autora nesta tese que questiona o processo de subjetivação dos sujeitos no campo da amizade, isto é, as maneiras pelas quais eles participam de sua construção neste espaço, os modos de existência que são inventados, as possibilidades, enfim, que lhe são colocadas para a organização de uma consciência de si elaborada de maneira intersubjetiva e não monádica, por serem as correspondências este tipo singular de escritura que correlaciona, ao mesmo tempo em que se produz, o trabalho exercido sobre si mesmo e a comunicação com o outro. Amizade que lhe interessa por ser espaço transversal à ordem familiar e institucional da família e do casamento e por isso mesmo de certa forma precisarem ser inventados em relação ao seu tempo. Qual a importância de se pensar a amizade (e a correlação amizade, pensamento e ética) na atualidade? A resposta é dada pela tese de Marilda Ionta: o estudo dessas relações (que seriam afinal uma *não-relação* essencial) pode servir para lembrar que a amizade, esquecida nos dias de hoje em relação às promessas frustradas de felicidade do amor romântico, pode ser reescrita como espaço de liberdade, autonomia e um cuidado de si que tem como base o respeito pelo outro. Pode-se certamente se questionar com Sloterdijk, citado pela autora, se o questionamento sobre o futuro da humanidade e dos meios de humanização não passa especialmente por saber se existe alguma “esperança de dominar as atuais tendências embrutecedoras entre os homens”⁸.
IONTA, Marilda Aparecida. *As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. Tese de doutorado. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2004, p. 1.

uma questão do hoje que interessa tal como ela foi formulada ontem por Clarice Lispector, e se esse pensamento se impõe lembrando e advertindo, ele deverá nos dizer, nos ensinar algo ou nos pedir alguma coisa quanto à sua própria possibilidade. É preciso, no entanto, levar em conta o corpus de Clarice Lispector, seu arquivo, o que esse arquivo enuncia sobre o tema da amizade e a leitura que permite sobre o gesto ético que seria aquele esboçado em sua obra, esse pensamento que se desdobra em uma complexa operacionalidade em Clarice, aí onde se decide como um traço de luz na orla do horizonte, mal se esboçando ainda em um conjunto que fará comunidade, prometendo-se em suma mais do que se dá na vida desses amigos do pensamento tornados personagens conceituais que só se manifestam na fulguração de obras como as de Clarice e Blanchot que começam por colocar em questão uma impossibilidade. Definitivamente não redutíveis esses personagens. Eles resistem por sua própria força. É preciso enfim fazer justiça a Clarice Lispector por significar que se possa levar em conta sua linguagem enquanto ética da palavra mediante a qual a obra se apresenta, tanto quanto o questionamento dessa voz narrativa (Blanchot) que a articula conceituando-a, fazendo aparecer em sua fragilidade diante da luz como enigma constituinte – essa palavra em que os personagens se manifestam no encontro (que afinal faz a amizade e condiciona o pensamento) que a faz ser um outro diferente dele mesmo; ética sempre recomçada do Mesmo e do Outro que revela o pensamento em sua verdade no movimento precipitado mas sempre constante da inquietação.

Há, em Clarice e em Deleuze um mesmo tema: aquele da ética de uma amizade e sua relação com a possibilidade para o pensamento pensar. O tema de uma amizade segundo um nova imagem do pensamento que definiria algo muito profundo e que seria como um sistema de coordenadas, de traços dinâmicos, de orientações. A questão vem de Deleuze: o que significa pensar ou mesmo orientar-se no pensamento? E temos ainda conosco o amigo ou já estamos sós? Somos amantes, rivais, inimigos ou ainda outra coisa? Quais os riscos de trair a si mesmo, de ser traído ou de trair? Pois se há o momento em que é preciso desconfiar até do amigo, deve-se questionar incessantemente que sentido dar à amizade em filosofia ou literatura: “será o mesmo sentido em Platão e

no livro de Blanchot, *L'Amitié*, ainda que se trate sempre do pensamento? Desde Empédocles há toda uma dramaturgia do pensamento.”⁹

A obra de Clarice Lispector torna-se por isso o tema, o teatro, a cena, a repetição, o horizonte de um novo pensamento da ética e da amizade. Ela marca as circunstâncias, determina-lhe a hora e a ocasião, mas também circunscreve as paisagens e os personagens, as condições e incógnitas da questão.

Esta questão, como a formula Deleuze, toma o seu lugar entre amigos ou então face ao inimigo; ela é a confiança e a reciprocidade ao mesmo tempo que o desafio. O que é então a amizade, em sua forma presente e bem concreta, tal como aparece nessa obra? Pois se a amizade é o conceito pelo qual a obra testemunha (esta é a nossa tese) e ao qual ela está entrelaçada em sua dimensão ética, haverá aqui a necessidade de personagens conceituais que falem por ela, dêem a ela seu corpo ainda que precário e contribuam para a sua definição.

Que o amigo (a amizade enfim) seja um desses personagens e que ele testemunhe a favor de uma origem grega da amizade (os gregos que apresentaram os “amigos” em substituição aos sábios: este que pensa por Figuras, o primeiro por conceitos); que tenha se tornado muito mais difícil saber o que significa o amigo e sua relação com o pensamento, se uma certa interioridade competente, se uma espécie de gosto material ou uma potencialidade em qualquer relação, não elimina a atualidade de tal questão: pois tornou-se muito difícil segundo Deleuze saber o que isto significa, e que conseqüências traz para o pensamento que a pensa. Dever-se-á incessantemente, se quisermos saber o que significa pensar, questionar o que significa o “amigo” no pensamento, e conseqüentemente o que quer dizer a amizade nessa obra, no momento em que ela lhe acena, e quando ela impõe que se fale desses estranhos seres que são os personagens conceituais que se tornam a condição para o exercício do pensamento. Questão que introduz no pensamento sua relação vital com o Outro que se tinha acreditado excluir do pensamento puro. E se o amigo não é alguém diferente dele mesmo ou do amante.

⁹ DELEUZE e GUATTARI, op. Cit., p. 185

Eles (esses amigos tornados personagens conceituais), ou seus amigos, ou seus inimigos, ou seus rivais. A potência empenhada, mais do que os atos aos quais se possui. Ele, esse amigo do pensamento seria igualmente o pretendente, o alvo da pretensão ou o terceiro transformado em rival. Pois a amizade “comportaria tanto uma desconfiança competitiva com relação ao rival quanto tensão amorosa em direção do objeto de desejo. Quando a amizade se voltasse para a essência, os dois amigos seriam como o pretendente e o rival (mas o que os distinguiria?).”¹⁰ Ela promove relações de rivalidade, opõe pretendentes em todos os domínios e até no pensamento, que não encontra sua condição somente no amigo, mas no pretendente e no rival: “É próprio da amizade conciliar a integridade da essência e a rivalidade dos pretendentes. Não é uma tarefa grande demais?”¹¹. Se o amigo, o amante, o pretendente e o rival são determinações transcendentais como diz Deleuze, eles não perdem, por isso, sua existência intensa e animada em um mesmo Personagem (o pensamento) ou em diversos (os personagens conceituais).

A existência, os encontros que a determinam, a presença frágil da amizade e da ética, que lugar pode ela ter na linguagem desse pensamento que se abre para nós e diante de nós? Qual e sua esteira? Bem tênue, sem dúvida; a julgar pelo frágil reflexo de luz em que ela se dá, seu aparecimento descontínuo (de *Perto do Coração Selvagem*, obra de 1943, até sua forma final em *A Hora da Estrela* de 1977) que já não se distingue de uma abertura fechada. Tal é a parte dessa obra que concerne à linguagem atual, que corre por baixo de nossa linguagem há anos, lhe concerne e ao mesmo tempo recebe dela sua luz. Esta linguagem da qual certamente faz parte Maurice Blanchot, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, que pensaram o sentido da palavra “amigo”, retomando esta questão ao nível interior das condições do pensamento.

Mas, com Clarice Lispector, é preciso aceder a este outro giro do pensamento e da amizade. Pensar os novos personagens conceituais introduzidos no seio do mais puro pensado, esses personagens pouco gregos de que fala Deleuze surgidos no pensamento moderno; vindos de outra parte existindo como se tivessem passado por uma catástrofe que os arrasta na direção de novas relações vivas que os cerca por todos os lados: um

¹⁰ Ibid, p. 11-12

¹¹ Idem

desvio, um desamparo, uma destreza entre amigos que converte a própria amizade ao pensamento do conceito como desconfiança e paciência infinitas. É a relação da amizade com a possibilidade de pensar no mundo moderno exemplificado por Deleuze no diálogo dos dois cansados em *A Conversa Infinita* de Maurice Blanchot, bem como evocada pela aparição da mulher da voz à personagem de *Perto do Coração Selvagem*:

Finalmente, valeria dizer que essa *épreuve* de escritura em Blanchot e Clarice, é o campo ou a dimensão mesma de possibilidade de uma experiência interminável de reconhecimento (*reconnaissance*) do outro enquanto *limiar* irredutível e incontornável de uma experiência estético-ética da literatura (experiência agônica ‘de’ e ‘do’ outro em si mesmo, afinal), formulada e constituída para além de qualquer e simples estratégia de representação mimética que privilegie fundamentalmente uma idéia de *presença a si* de um ente fáctico ou ficcional ao invés de uma idéia de presença constantemente se lançando para fora-de-si em direção a outrem ou a *algo* esse *algo* que poderíamos nomear, com Deleuze, de *événement* ou evento do encontro ou reencontro feliz.¹²

Por isso tomamos em Clarice Lispector esta natureza dos postulados e das coordenadas na imagem do pensamento. A amizade, o cansaço, a violência que força os personagens. A ética sob sua forma presente de amizade como hospitalidade ao outro, a ética e a amizade como ela se oferece ao pensamento moderno, como seu limite e sua possibilidade. A elas está ligada toda uma potência dos signos que contrasta talvez com uma imagem grega ou uma imagem cristã do que significa pensar, bem como da própria amizade¹³. Pois resta a questão da amizade, segundo Deleuze, que substitui a da

¹² CONFORTIN, Rogério de Souza. *Teatralidade e gestualidade em Clarice Lispector e Maurice Blanchot*. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2009, p. 93.

¹³ Para a questão de uma imagem grega e Cristã da amizade devemos nos reportar às análises de Francisco Ortega: de acordo com este autor, os gregos tinham sua relação com o que chamavam de *philia*. Essa relação deu lugar a uma experiência da *ágape* cristão como amor ao próximo, transformando assim o que existia como vínculo afetivo e interpessoal em uma relação despersonalizada, um pouco abstrata, já que o “amor ao próximo”, segundo Ortega¹³, designaria mais uma atitude moral que uma forma de relação: “O desvio de todo o terreno, corporal, inter-humano e o deslocamento da amizade para o interior do indivíduo e a sua atitude espiritual”. A uma *philia* egoísta e instrumental substituiu-se a *ágape* enquanto amizade verdadeira, ela que não é atração e que não vai de uma pessoa a outra, tornada virtude pelo serviço ao amor de Deus, resultando daí a sua credibilidade: “a atração individual para o amigo deve se transformar, o amigo não deve ser amado por si mesmo, mas por Deus”¹³. Devem, no entanto, existir as vozes, os discursos, as possibilidades de reconhecimento das possibilidades excluídas. Não mais o amigo enquanto “amigo”, ou seja, a questão do amigo ou da amizade como “questão do irmão”, pois foi assim que o amigo apareceu nos discursos da amizade. Relação de uma amizade que não é mais interpretada em termos familiares, pois não é uma forma de parentesco. Na figura do personagem conceitual ou do precursor sombrio nos sistemas intensivos, o amigo deixa de ser o irmão-amigo dos grandes discursos da amizade que a vincularam à democracia enquanto discurso da fraternidade. Neste sentido, questiona

sabedoria por sua própria obscuridade: trata-se aqui, portanto, de retomá-la no cerne (como sua dobra inevitável) do pensamento de Clarice Lispector. E esta amizade que aqui se torna o limite do pensamento diante do outro ou de seu próprio plano de imanência deve ser pensada lá onde ela é o próprio limite do pensado enquanto experiência. Ouçamos essa voz que reabriu para a amizade a possibilidade de se comunicar, no risco de uma linguagem ela mesma colocada sob o signo do cansaço comum, sempre prestes a se romper e a mergulhar no inacessível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 1: A palavra plural*. São Paulo: Escuta, 2001.

_____. *A conversa infinita 2: A experiência-limite*. São Paulo, Escuta, 2007.

CONFORTIN, Rogério de Souza. *Teatralidade e gestualidade em Clarice Lispector e Maurice Blanchot*. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2009.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed 34, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema* (Ditos e Escritos III). 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Raymond Roussel*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

_____. *Ariadne enforcou-se*. IN: *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento* (Ditos e Escritos II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

IONTA, Marilda Aparecida. *As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. Tese de doutorado. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2004.

Derrida: existirá a amizade para além de um movimento de delimitação frente à família e às metáforas fraternalistas. É por isso, justamente, que, segundo o autor, se trata agora da criação do espaço de uma nova amizade – uma amizade por vir, inscrita no *talvez*. ORTEGA, Francisco. *Estilísticas da amizade*. IN: CASTELO BRANCO, Guilherme; PORTOCARRERO, Vera. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Laços de família*. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. *O lustre*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

_____. "O mundo imaginário de Clarice Lispector". In: *O dorso do tigre*. 3 ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

ORTEGA, Francisco. Estilísticas da amizade. IN: CASTELO BRANCO, Guilherme; PORTOCARRERO, Vera. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 2007.